

REBELDES COM CAUSA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA CIDADE PELO MOVIMENTO PUNK

REBELS WITH CAUSE: THE RESSIGNIFICATION OF THE CITY BY THE PUNK MOVEMENT

Christina Ferraz Musse*
Susana Azevedo Reis**

RESUMO:

Este artigo analisa como o movimento punk, na *década de 1980*, *ressignificou o espaço urbano* da cidade mineira Juiz de Fora com seu visual e suas atitudes consideradas estranhas e perturbadoras, realizando intervenções e performances que causavam espanto e desconforto entre aqueles que transitavam pela área central do município. Discutiremos a ocupação do espaço urbano aproximando os ideais punks com o pensamento situacionista, com o conceito de tribo, de Michel Maffesoli, com o conceito de corpografia urbana de Paola Berenstein Jacques, entre outros. Analisaremos o movimento punk de Juiz de Fora, cidade de tradição industrial e polo operário, utilizando como referência a memória materializada em fotografias da época e entrevistas baseadas na metodologia de história oral.

PALAVRAS-CHAVE:

Movimento punk, cidade, memória.

ABSTRACT:

This article seeks to analyse how the punk movement, in the 1980s, give new meaning to the urban space of the city of Juiz de Fora, located in the state of Minas Gerais, with its visual and attitudes considered strange and disturbing, performing interventions and performances that caused amazement and discomfort among those who transiting through the central area of the municipality. We will discuss the occupation of urban space by approaching punk ideals with the Situationist thought, the concept of tribe,

* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). cferrazmusse@gmail.com.

** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. susana.reis360@gmail.com.

by Michel Maffesoli, and urban corpography by Paola Berenstein Jacques, among others. We will analyze the punk movement of Juiz de Fora, a city of industrial tradition and worker's center, using as reference traces of memory, which are materialized in photographs of the time and interviews conducted through the methodology of oral history.

KEYWORDS:

Punk movement, city, memory.

INTRODUÇÃO

O espaço urbano é, em sua essência, um espaço de trânsito capaz de acolher indivíduos das mais diversas origens, etnias, pensamentos e crenças. A cidade é um espaço de circulação em que a multidão experimenta a identificação e o estranhamento. Nesse cenário, que pode flertar com a desordem e o caos, o habitante cria zonas de reconhecimento, ocupa ruas, praças e construções, dando-lhes novos sentidos, como se ele se apropriasse desses espaços. Nos anos 1960, jovens do mundo inteiro ocuparam as ruas para protestar e quebrar tabus de comportamento. Pela primeira vez, o pessoal ganhava espaço na agenda política. Na década seguinte, grupos menores de uma tribo se destacaram no cenário mutante das cidades com suas vestes e sua música: eram os punks.

Nascido nos grandes centros da Inglaterra e dos Estados Unidos, em meados da década de 1970, o movimento punk se espalhou rapidamente para as médias e pequenas cidades do mundo através dos meios de comunicação. O movimento encontra no espaço urbano o local perfeito para que seus integrantes socializem, conversem, discutam e coloquem em prática seus ideais e valores. A cidade é o local onde a tribo punk se expressa e se expõe para os outros cidadãos, onde é vista e interpretada.

Como um movimento de juventude, destacou-se nas décadas de 1970 e 1980 por levantar questões políticas e sociais, manifestando-se contra os ideais conservadores e capitalistas do mundo. Os punks tinham como referência de pensamento as ideias anarquistas e, com seus modos de agir, vestir e pensar, modificaram a música, a moda e as formas de consumo, trazendo novas questões para a agenda pública, seja nas grandes metrópoles ou nas pequenas e médias cidades do interior.

Em Juiz de Fora, cidade localizada na Zona da Mata Mineira, os primeiros sinais da cultura punk chegaram no final da década de 1970 e o movimento se consolidou na década de 1980. Em 1982, os punks já andavam pelas ruas, possuíam *points*¹ e produziam

festivais de música e fanzines². Neste artigo buscaremos identificar, por meio de entrevistas, como os punks ocuparam a cidade, utilizando a metodologia de história oral e fotografias da época. Nosso objetivo é entender como esses punks ressignificaram Juiz de Fora.

A CIDADE NA PERSPECTIVA PUNK

Pensar a cidade é refletir sobre um espaço que está constantemente em movimento e que se apresenta como um local de ações do cotidiano e de circulação de pessoas. A cada caminhada, a cada novo percurso, uma nova cidade é redesenhada, experimentada e ressignificada aos olhos do transeunte. Na década de 1980 era fácil caminhar pelo centro das principais cidades do mundo e encontrar diversos grupos de punks andando pelas ruas. Com suas roupas surradas e seu estilo sombrio, esses bandos eram compostos de jovens entediados, que viam o meio urbano como um local de encontro e descobertas.

Os punks ocupavam o espaço a seu modo, principalmente em grupos, andando pela cidade e se deslocando por praças e ruas para serem vistos. Eles se enquadram no que Michel Maffesoli (1998) chama de tribos urbanas ou *neotribalismo*: grupos formados por indivíduos que possuem gostos e ideias em comum, que em seus momentos de lazer ficam à toa nos grandes centros e, apenas por serem vistos, causam impacto social.

Para Maffesoli, a identidade não é consistente, coerente, homogênea ou permanente. Ela é fragmentada. Um indivíduo pode ter diversas identidades, uma multiplicidade de facetas, à qual o autor dá a ideia de *persona*. Esta seria uma máscara mutável, que se modifica a cada nova etapa da vida, mas que só tem validade quando representada em grupos. Uma *persona* só existe em relação ao outro, não possui identidade separada e fechada em si mesma, atuando em um contexto de multiplicidade.

O sociólogo acredita que existe uma força que move indivíduos, organizando-os em grupos de interesse em comum. Essa potência faz com que as *personas* procurem estar juntas, por vivências e sentimentos semelhantes, o que o autor chama de *vitalismo*. Essa conexão que une as pessoas institui comunidades locais e tribos, que formam em conjunto as *aldeias na cidade*. As tribos compartilham sentimentos e valores, lugares, ideias e experiências. Antes de buscar direitos e anseios em comum, os indivíduos

procuram se relacionar entre si de forma mais interpessoal: “Beber junto, jogar conversa fora, falar de assuntos banais que pontuam a vida de todo o dia provocam o *sair de si* e, além disso, criam uma aura específica que serve de cimento para o tribalismo” (Ibid., p. 38). Os punks estão inseridos nesse contexto de tribo e de identidades instáveis. Muitos foram os jovens que, nas décadas de 1970 e 1980, visualizaram no movimento punk um espaço de pertencimento, mas que encontraram, ao longo de suas vidas, inserção em outros grupos e sociabilidades.

Janice Caiafa (1985) comenta que muitos jovens punks no Rio de Janeiro, na década de 1980, só se transformavam em *personas* punks quando estavam em bandos, pois tinham medo das agressões que poderiam sofrer se expressassem o estilo individualmente: “Os punks aprendem a se subtrair a esses ataques (nos ônibus, pela rua), e a deflagrar toda a estranheza em momentos em que ela possa ter um papel ativo de interferência. É no bando, juntos, que se consegue isso” (Ibid., p. 26). Eles se sentem mais confortáveis quando estão em grupos e compartilham atividades e sensações com pessoas semelhantes, encontrando nelas alguém parecido com eles mesmos.

As tribos punks se espalhavam pelos centros das cidades, percorriam suas ruas e calçadas tentando expressar suas ideias por meio do estilo³. Esses jovens iniciaram suas atividades em periferias e subúrbios, mas viram a necessidade de ocupar o centro para estudar, trabalhar, procurar outros locais de lazer, como comenta Helena Wendell Abramo (1994, p. 69):

A participação na vida urbana, os deslocamentos impostos pelas atividades de trabalho e instrução, a busca de diversão para além dos limites do bairro, levaram a um aumento de circulação dos jovens pelos variados espaços da cidade, intensificando bastante a sua exposição pública.

A tribo constrói sua identidade no meio urbano, procurando espaços de vivência e diversão. A cidade é um lugar que segrega e exclui principalmente os jovens pobres. Mas, ao sair para os centros, os punks expõem sua existência e suas perspectivas de mundo. São habitantes da velocidade urbana, ágeis e agressivos visualmente, que se utilizam das roupas de couro - com pinos, pregos e correntes - e do cabelo curto para se defender. “O punk está pronto a escapar eficientemente e atacar se for necessário” (CAIAFA, 1985, p. 38). Entretanto, mais do que isso, a estética punk sombria, nihilista, agressiva e triste representa a denúncia de desigualdades, exclusões sociais e violência do mundo.

Esses grupos aparecem e chocam-se com a visão sóbria da cidade, provocando cidadãos comuns e fazendo com que reflitam sobre a própria sociedade em que vivem.

Os punks possuem, dessa maneira, uma relação de afetividade com a cidade. O espaço urbano não é apenas um local de passagem, mas um ambiente de contato, de sensações e de aventuras. O punk ocupa a cidade de forma intensa no sentido de que suas percepções sobre o cotidiano e as situações por ele vividas ressignificam a cidade a cada nova caminhada. Nesta perspectiva, eles se assemelham muito aos situacionistas.

Como explica Paola Berenstein Jacques (2003b), a Internacional Situacionista surgiu na França em 1957 e se manteve até a década de 1970, propondo-se a pensar a cidade de uma forma mais afetiva e emocional. Os situacionistas eram contra a cidade-museu espetacularizada e contra a patrimonialização desenfreada, cercada pelo capitalismo e o consumo. Tinham como lema o urbanismo unitário, que seria o “emprego do conjunto de artes e técnicas, como meios de ação que convergem para uma composição integral do meio ambiente” (DEBORD, 2003a, p. 54). Esse urbanismo era unitário por ser contra a separação das funções modernas - de classes, profissões ou urbanas - e por propor novas “experiências efêmeras de apreensão do espaço urbano” (JACQUES, 2002, p. 2), por meio da proposta de diversas práticas. Dentre essas, duas se destacaram: a deriva e a psicogeografia.

A deriva é a apropriação da cidade pelo pedestre que anda sem rumo, caminha pelas ruas em uma espontaneidade organizada, sem destino: “uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas” (DEBORD, 2003b, p. 87). A deriva permite que o transeunte possa se deslocar e agir de maneira diferente daquela a que está acostumado em sua rotina diária, entregando-se a novas situações e momentos, permitindo-se e experimentando a cidade de maneira mais livre.

A psicogeografia acontece a partir dessa caminhada, pois ocorre o mapeamento da trajetória. Busca-se entender por que o indivíduo virou a esquina e não seguiu reto, por que parou em tal lugar, estudando o ambiente público através da deriva. “A psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas deambulações urbanas que eram as derivas situacionistas” (JACQUES, 2003b, p. 5). Constroem-se assim mapas afetivos da cidade, diferentes dos mapas geográficos que conhecemos.

É no cotidiano que esse urbanismo unitário pode se concretizar. Para os situacionistas, é no dia a dia que os habitantes estão mais propensos à alienação, por meio da televisão, das propagandas e do consumo, mas também é o momento propício para aflorar a participação, em que os indivíduos podem se envolver em atividades criativas e ativas. A partir do momento em que criam essas novas situações e experimentam a cidade na vida diária, os cidadãos não são apenas espectadores das modificações urbanas, mas “construtores, transformadores e ‘vivedores’ de seus próprios espaços” (Id., 2002, p. 5).

Os situacionistas buscavam a revolução por meio da ocupação da cidade, utilizando o ambiente urbano no cotidiano para induzir uma participação maior dos cidadãos. Eram contra a alienação e a passividade da sociedade e tinham um viés anarquista, buscando a liberdade de cada cidadão para construir ambientes mais diversificados e igualitários. Análogo ao movimento punk, esse grupo acreditava que a cidade era o local ideal para integrar a arte à vida. Era necessário viver a cidade, fugir da passividade e da urbanização, procurar novos lugares e colocar-se ao lado de pessoas marginalizadas e menos-prezadas pela sociedade, o que logo se tornou um ato político:

Eles passaram diretamente da ideia da revolução da vida cotidiana para a questão da revolução política propriamente dita, e a partir desse momento - 1961, após a publicação da IS nº 6 - os textos situacionistas abandonaram as ideias sobre a cidade em particular, para se consagrar a questões exclusivamente políticas: ideológicas, revolucionárias, anticapitalistas, antialienantes e antiespetaculares, o que não deixou de estar relacionado à questão urbana (Ibid., p. 5).

Nesse aspecto, os situacionistas se assemelham ao movimento punk por tratar o ambiente urbano como um espaço de ação cultural e política. Além de utilizarem sua estética visual para protestar e experimentar a cidade, os punks possuem maneiras próprias de andar, de se comunicar, de gesticular e de se movimentar que modificam a si mesmos e à cidade. Ao andar pelas ruas, eles apresentavam uma nova cartografia em seu corpo e pelo seu corpo, o que Jacques (2007) chama de corpografia urbana.

Para a autora, assim como para os situacionistas, o espetáculo leva ao empobrecimento da experiência urbana e à perda da corporeidade do espaço, que se torna apenas um cenário onde as pessoas somente visualizam umas às outras e ao ambiente. Mas, a partir do momento em que a cidade é praticada, através das errâncias dos indivíduos, ela se torna outro corpo, e o indivíduo também adquire novas perspectivas. “Dessa relação

entre o corpo do cidadão e esse ‘outro corpo urbano’ pode surgir uma outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea” (Ibid., p. 95). A cada nova errância, uma nova corpografia urbana é desenvolvida.

O punk é um errante. Ele busca viver a cidade, se apropriando de tudo aquilo com que se depara e experimentando a cidade através do seu corpo. A experiência do errante está fundamentada em três propriedades: de se perder, da lentidão e da corporeidade. O punk se perde pelas ruas, e com uma postura crítica e propositiva busca fazer o seu caminho e conhecer lugares marginais que não se apresentam espetacularizados, de maneiras voluntárias ou involuntárias. Ele é lento, não no sentido de circulação pelo ambiente urbano, mas na perspectiva de não querer apressar o mundo, de querer preservar o meio ambiente e ser contra o capitalismo acelerado e prejudicial aos socialmente mais desfavorecidos. Por fim, ele apresenta a corporeidade. Ele anda pelo ambiente urbano e as experiências ali vividas o modificam e modificam o ambiente:

O errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo (Ibid., p. 98).

Para Jacques, a corpografia urbana pode ser considerada uma forma específica, corporal, da psicogeografia, enquanto a deriva seria um exercício da errância urbana.

Além de modificarem a si mesmos e à corpografia da cidade, os punks modificavam a experiência de outros transeuntes, que se chocavam e se sentiam desconfortáveis por sua presença. Os integrantes do movimento possuem um estilo determinado, sendo facilmente reconhecidos apenas pela aparência, o que se reforça ainda mais quando andam em grupos pela cidade. As roupas, o cabelo, os sapatos e a maquiagem expressam suas ideias e agridem visualmente o cidadão comum. Os signos que utilizam nas roupas e na pele, como alfinetes no rosto, braceletes de pinos e pregos e roupas rasgadas e sujas, chocam.

Esse estilo tem grande relação com seus pensamentos sobre o mundo. Os punks criticam a corrupção, as desigualdades, o consumo de massa e a indústria cultural através de suas roupas, atitudes e música. Seu guarda-roupa, seus cabelos, o modo de agir, conversar e ocupar o espaço urbano criam uma identidade e um pertencimento para

esses indivíduos, “o grupo passa assim a ser simbolizado pelas peças que usa, e o estilo torna-se uma significativa manifestação de identidade do grupo e das questões por ele formuladas” (ABRAMO, 1994, p. 88). Os ideais anticapitalistas, anarquistas e de insatisfações com o cotidiano são refletidos através desse estilo combativo e enérgico. O desagrado com os sistemas de governo e com as explorações é expresso através de seu guarda-roupa sujo e escuro, sendo reflexos do próprio mundo.

Janice Caiafa descreveu as vestimentas dos punks cariocas como roupas majoritariamente pretas que podiam variar do verde musgo, roxo e vermelho ao caqui dos uniformes militares. Jaquetas de couro cheias de pinos e ranhuras, braceletes e cordões eram os principais acessórios. O coturno era o calçado oficial e o cabelo era cortado rente, em formato moicano, para rapazes e moças:

No espetadiço dos pinos e dos cabelos, a estética punk é dura e agressiva. Porém sóbria e sucinta. Não é difícil observar que o visual punk tem a elegância da justa medida. Nada sobra: o que salienta do corpo se projeta como arma - o cabelo moicano, os pregos, os pinos -, como a lâmina que salta do canivete. [...] A corrente na cintura ou no pescoço anuncia uma iminência de ataque, ela deve estar a postos, assim como se está sempre prestes a usá-la (CAIAFA, 1985, p. 13).

Esse visual tem o objetivo de chocar. As roupas e acessórios são produzidos por eles mesmos, rasgados e sujos propositalmente, utilizando objetos que foram trazidos de outros contextos. Ocorre uma bricolagem, como destaca o pesquisador Dick Hebdige (1979): as correntes de lavabos tornam-se acessórios; os alfinetes saem do contexto doméstico e são utilizados como ornamentos através da bochecha; fragmentos de uniforme escolar, como camisas brancas e laços, são reutilizados com camisas grafitadas e laços desleixados; objetos de fetichismo sexual são usados publicamente para causar desconforto, corpetes de couro e meias arrastão, sapatos de salto alto, cintos, cintas e correntes.

Com todos esses adereços e atitudes, o punk se mostrou muito performático, pensando no conceito sob a perspectiva do sociólogo Richard Schechner (2003). Para o autor, a performance está no dia a dia, em rituais que são repetidos frequentemente e que, mesmo que não intencionalmente, acabam sendo ensaios e treinamentos. “Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias” (Ibid., p. 27), afirma o pesquisador. Para ele, as lutas sociais, revoluções e atos políticos podem ser estudados como performances, pois são comportamentos duplamente

exercidos, ou seja, eles se repetem no indivíduo. Mas isso não significa que toda performance seja igual, afinal, a cada nova performance, há uma nova experiência, um novo olhar tanto do “ator” quanto daqueles que estão presentes assistindo. Ademais, ela se baseia em um comportamento restaurado, isto é, são rotinas, hábitos e rituais que se recombinaem e formam novos comportamentos. Nenhum comportamento nasce do zero, mas é uma recombinação de ações e pensamentos já conhecidos.

O sociólogo apresenta oito tipos⁴ de performances e o movimento punk poderia ser enquadrado em metade delas: na vida diária, nos rituais, nas brincadeiras e no entretenimento popular, com suas apresentações musicais. Os punks interagem entre si e com os outros de maneira muito teatral, mas não acreditam que estejam atuando. Eles andam, falam e se comunicam como querem e desejam, expressando seus desejos e angústias.

“MISÉRIA E FOME”: O RASTRO DA CENA PUNK EM JUIZ DE FORA

O punk chegou ao Brasil no final da década de 1970. A maioria dos autores acredita que o movimento tenha se iniciado em São Paulo, mas a cena de Brasília começou aproximadamente na mesma época. Nos anos seguintes, o movimento se espalhou para diversas cidades: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Londrina, ABC Paulista, Juiz de Fora e municípios do Rio Grande do Sul e Paraná. Eram garotos e garotas de 14 a 18 anos, em sua maioria, vindos de famílias de baixa renda, de subúrbios e periferias, que trabalhavam em empregos desqualificados, estavam desempregados ou ainda frequentavam a escola. Como os jovens ingleses e norte-americanos, estavam cansados do rock repetitivo e sem graça e começaram a ouvir as novas bandas internacionais de rock. Encontraram no punk o que procuravam (PAIVA, 2016).

Na cidade de Juiz de Fora, o movimento tornou-se conhecido por alguns cidadãos aproximadamente em 1977, através de publicações em revistas nacionais, como o *Jornal da Musica* e a *Revista Pop*, e de algumas bandas pré-punk, como *The Stooges*, *MC's 5* e *New York Dolls*, que chegaram aos seus ouvidos por meios de lojas de discos. Mas foi apenas no início da década de 1980 que esses jovens se agruparam e constituíram um grupo, um bando, que começou a se reunir periodicamente pelas ruas da cidade (LOURES, 2017).

Através de fotografias e entrevistas realizadas com esses jovens punks, hoje adultos, nosso objetivo é compreender como esses errantes ocupavam a cidade e qual a corpografia que proporcionavam a ela. Utilizaremos as entrevistas realizadas através

da metodologia de história oral⁵, concedidas por Aécio Silva⁶, Fernanda Tabet⁷, Oseir Cassola⁸ e Virginia Loures⁹. Quanto às fotografias, elas foram obtidas através do acervo pessoal de Aécio Silva e do fotojornalista Humberto Nicoline¹⁰.

Jacques Le Goff (1990) acredita que os registros que sobrevivem na história são as escolhas efetuadas pelos historiadores e que esses materiais de memória podem ser apresentados de duas formas. A primeira é pelos monumentos, que trazem heranças passadas e tudo aquilo que evoca o acontecido, perpetuando a recordação, de modo voluntário ou não. O monumento é um legado da memória coletiva e pode ser representado de forma oral, escrita ou de fotografia, e foi estabelecido como um símbolo constituído no passado e que pode ser emblemático no futuro. A segunda é pelos documentos, textos escritos, imagens e entrevistas, que oferecem informações de objetos, pessoas e lugares, tornando possível conhecer mais sobre as condições de vida, moda, infraestrutura urbana e rural de um passado.

Dessa forma, as fotografias e entrevistas aqui utilizadas foram selecionadas pelas pesquisadoras para este trabalho como rastros de uma época. São registros documentais e fragmentos da memória que oferecem uma pista importante da história dos punks de Juiz de Fora.

No início da década de 1980, o movimento punk da cidade já estava consolidado e era integrado por jovens como Aécio, conhecido no grupo pelo apelido de Tenente Laranja, Virgínia, conhecida como Virgin Punk, Helder e Paulo Sérgio, conhecido como Vietnã. Era um grupo de cerca de dez pessoas, formado por jovens de Juiz de Fora e punks cariocas, baianos e paulistas. Esse grupo tinha como principal ponto de encontro, ou *point*, como normalmente é dito pelos integrantes do movimento, a rua Espírito Santo¹¹, onde se localizava o Bar Redentor¹². Era um local onde eles se reuniam para conversar, ocupando o lugar e fazendo dali o território deles. Os punks tomavam aquele edifício para si, um prédio velho e pobre, um pouco mais underground e marginal, embora localizado no coração da cidade. Para Virginia, o lugar foi escolhido pela proximidade com sua casa:

O *point* começou por causa de mim, na verdade. Ninguém vai falar isso... O local tinha a ver. Mas, fisicamente, por causa de mim, eles me esperavam embaixo. Eu vinha da *Tribuna* [jornal *Tribuna de Minas*], eu jantava, trocava de roupa e descia. Então eles ficavam me esperando, e o local era ótimo... Então, eram as duas coisas, tinha o *Bar Redentor*. [...] Dali a gente saía para a noite. E a gente ficava ali um tempo, conversando, trocando ideia, e a gente saía para a noite. “Pra onde a gente vai?”. “Ah, vamos para tal bar.” “Ah, está rolando

alguma coisa ali, uma festa ali, será que vai rolar uma fita?”. Então a gente ia. Mas ali ficou, porque eles me esperavam. Eu descia, eu era a única mulher (LOURES, 2017).

Os punks ocupavam o espaço da rua Espírito Santo deixando pichações para demarcar o seu lugar. Ao tornar um espaço o seu *point*, o grupo punk faz daquele local um lugar de pertencimento, seu território, e intervém em sua estética e em como aquele local será entendido pelo resto da cidade. O lugar era sujo, deteriorado e decadente, assim como eles se sentiam. Para Fernanda, o *point* era apenas um lugar de encontro e o principal motivo era a presença do *Bar Redentor*:

Ali era legal para se ficar. A gente ficava sentado na escada, ia no *Redentor*, bebia, comprava alguma coisa, muito passante, muita gente passava e, para mim, nada específico. Um *point*, *point*. E ali foi, na esquina da Espírito Santo, *Redentor*, que a gente se encontrava (TABET, 2017)¹³.

Nesse início do movimento, Virginia realmente era a única mulher. Mais tarde, aproximadamente em 1984, Fernanda entrou para o grupo e Aécio mudou-se para os Estados Unidos. O bando mudava constantemente, algumas pessoas se inseriam no movimento e outras mudavam de cidade, ou mesmo de país, mas os membros não deixavam de se comunicar. Além disso, muitos punks vinham de outros estados e permaneciam na cidade. É o caso do baiano Comprimido e dos paulistanos Massa e Batata, que permaneceram meses em Juiz de Fora na casa dos punks locais ou em propriedades abandonadas.

Figura 1: Punks no *point* da rua Espírito Santo. Da esquerda para a direita, Lupídio e Virginia (em cima); Vietnã, Aécio, Massa (SP), Batata (SP), Helder e Charles (embaixo)



Fonte: Humberto Nicoline, 1984.

Era naquele local que esses jovens concretizavam a tribo. Ali eles se reuniam, tinham seus momentos de lazer e de descontração, conversavam sobre assuntos de interesse em comum e consolidavam sua identidade, pelo menos naquele momento específico, e eles estavam cientes disso: “Mas eles não vão conseguir ser punk a vida inteira. Então é um período de punk que você vai ser” (LOURES, 2017). Os punks juiz-foranos tinham como principais atividades ficar à toa na rua conversando, principalmente sobre música, beber álcool e sair à procura de um estabelecimento em que fossem aceitos. Esses interesses e desejos em comum construíam o grupo.

O estilo também tinha grande importância para a consolidação do movimento. A questão de serem vistos e incomodar os cidadãos era muito importante para os punks, pois o visual transmitia tudo o que eles sentiam e gostariam de comunicar. As roupas escuras e a atitude agressiva serviam como lembrete para os cidadãos, em seu cotidiano, de que o mundo pode ser negativo e triste. Ao utilizar roupas pretas e uma estética que destacava objetos e atitudes agressivas, o punk buscava lembrar o mundo infeliz em que vivia, cheio de guerras, pobreza e violência, e que ele estava preparado para se defender dessas mazelas e brutalidades. Cada peça de roupa e objeto utilizado pelos punks tinha um significado:

as correntes que a gente usava, que significavam prisão. O preto, luto, a roupa rasgada, como hoje todo mundo vê, que significa você trabalhar, trabalhar até o final, você usar aquilo ali. Não gastar, não ser consumista. [...] O protesto era contra o consumidor, o consumismo exacerbado. O alfinete, né, de furar, é... Significa a coisa mais simples que você tem para se consumir também. Os broches, os *bottons*, né, coturno, contra a ditadura, contra o exército. Na verdade, contra o governo, né? As leis impostas, né? (TABET, 2017).

Os jovens punks circulam por Juiz de Fora de maneira diferenciada da maioria dos indivíduos, andando pelas ruas em busca de se exibirem e mostrarem à sociedade outro tipo de comportamento. O objetivo do punk é chocar através de seu visual, acordar as pessoas comuns de sua letargia. Depois de se encontrarem no *point*, o grupo circulava, principalmente pelas ruas do centro, buscando dar uma nova forma à cidade, através de gestos, ações e comportamentos. Os punks exploravam o ambiente, observavam as pessoas, provocavam-nas, ocupavam o espaço, buscando dar um outro significado àquele local, mesmo que de forma efêmera. A cidade é para o punk um lugar de descoberta, contemplação e intervenção. Ela é explorada e utilizada para lazer e como local de arte. Andar pelo ambiente urbano e descobrir novos espaços para circular, ver, conhecer. É uma atitude dos punks.

Além disso, os punks reconfiguravam a paisagem da cidade, pichando muros, pontos de ônibus e outros locais. Podemos perceber na Imagem 1 como os muros da rua onde se localizava o *point* eram pichados; isso estabelecia a posse do local, sinalizava que aquela localização era punk. Além disso, Aécio conta que pichava outros lugares pela cidade para ser lembrado e para relembrar as pessoas de sua existência e da existência dos punks. Para isso, ele escrevia a frase “Miséria e fome”:

Essa frase é minha. Em todo Brasil tem. Aonde eu ia, eu pintei. Pintei mesmo, pichei muito. “Miséria e fome”, “Miséria e fome”, “Miséria e fome”, “Miséria e fome”. Cada punk tinha uma frase, sabe, nós já sabíamos, sabe?... “O Tenente passou aqui”... E eu buscava, assim, nos pontos dos ônibus. O ônibus para, a pessoa tem tempo de ler. E pichava na coisa dos outros assim, eles apagavam e eu voltava e pichava. Então era a única coisa que eu pichava, era a minha frase... (SILVA, 2017).

Dessa maneira, Aécio e os punks eram lembrados constantemente, pelas intervenções e modificações visuais na cidade, que causavam certo desconforto nos indivíduos “comuns”.

Figura 2: Tribo Punk andando, dançando e cantando pela Rua Halfeld (Calçadão)



Foto: Humberto Nícoline, 1984.

Em 1984, o jornalista Humberto Nícoline fez uma série de 18 fotografias acompanhando o *point* da Rua Espírito Santo¹⁴. Na época, ele foi convidado por Virginia, que trabalhava no mesmo jornal que ele, o *Tribuna de Minas*, para acompanhar o grupo pela cidade. Ela conta:

o Betinho fotografando a gente maravilhosamente, descendo a Rua Halfeld¹⁵. Encontramos com ele aqui no *point*, depois, atravessamos a rua, você pode ver pela sequência das fotos, atravessamos aqui, em frente ao Calçadão. Descemos o Calçadão, cantando, sabe? Aquelas músicas de guerra, que tinham a ver. Sobre o regime, não me lembro mais qual era. Lembro a música do Tatu, “Odeio tv, odeio você, pare de ser idiota”. Eram todas assim. Nós gritando, cantando. E os meninos se jogando no chão (LOURES, 2017).

Essa experiência de andar pela cidade acompanhada por um fotógrafo foi um experimento diferente para os punks que, acostumados a passar pelo Centro diariamente, puderam registrar suas derivas e as reações que causavam nos cidadãos comuns. Quando se deslocavam pela cidade, esses jovens não tinham um objetivo definido e, quando tinham, era ir a um bar, boate ou casa de amigo. No mais, eles passeavam e recebiam olhares de desconfiança e de incompreensão.

Figura 3: Fernanda Tabet



Fonte: Aécio Silva, [198-]

Com um espírito situacionista, os punks buscavam fazer do ambiente urbano um local de sensibilidade e menos consumista: “O punk é para derrubar algo. Você vai estar sempre derrubando algo. Derrubar para construir algo melhor. Então a ideia do punk é derrubar para fazer algo novo, derrubar o velho” (Ibid., 2017). Os punks de Juiz de Fora levavam essa crítica no próprio corpo, no estilo e em suas atitudes e comportamentos. Eram errantes na cidade, tinham sua própria corporeidade e construíam um corpo para esse espaço ao desbravá-lo, ao sentir e protestar contra esse ambiente tão inóspito. Eles procuravam lugares onde eram aceitos, longe das ruas espetaculares e dos famosos

bares e restaurantes, que também não permitiam sua entrada. Eram marginalizados e confundidos com mendigos e prostitutas, como conta Virginia:

Uma vez eu fui identificada como uma prostituta na rua. Um cara correu atrás de mim, falou uma besteira e eu retruquei, ele foi atrás de mim e se achou extremamente ofendido por uma puta ofender ele. Quer dizer, ele me viu como puta, sabe? Naquela época, ninguém sabia o que era punk (Ibid., 2017).

Oseir, que não era punk, mas participava do movimento, também comenta:

Tinha gente que xingava, que olhava esquisito, tinha medo, atravessava a rua. Mas essa era a ideia também, era chamar a atenção. Mostrar que tinha alguma coisa errada, sabe? O mundo não tá legal, não tá bacana isso. E era uma forma de protesto (CASSOLA, 2017).

Ou como comenta Fernanda:

E ninguém liberava, a gente não podia entrar nos lugares direito não, todo mundo ficava assustado. [...] E sempre era ali no *point*, bar, botequim. Tinha a *Transmontana*, que era uma pensão do nosso amigo Chico Amieiro. [...] Tinha um bar na esquina também, que era a lanchonete de um chinês em que a gente comia, a gente ficava muito naquela área, Floriano Peixoto, esquina com a Getúlio Vargas. Isso é que era a área mais condizente para o povo que aceitava a gente, né? É uma área de puta, de travesti, de cidadão de rua. Os menos favorecidos, vamos dizer, os que sofriam mais preconceitos pela cidade. Então, a gente ficava aqui nessa área (TABET, 2017).

Porém, diferente da deriva situacionista, em que o agente da deriva atua de forma imperceptível, o punk busca ser visto, não se esconde e anda em grupo para reforçar sua atuação e para se proteger contra a agressividade da polícia e dos transeuntes.

Figura 4: Os punks na cidade



Fonte: Humberto Nicoline, 1984.

A Imagem 4 foi fotografada no Centro da Cidade, na avenida Getúlio Vargas, uma via muito movimentada e de grande comércio popular. Os punks posam para a câmera, enquanto ela captura os olhares das pessoas em volta, de desprezo e estranhamento. Eles não eram aceitos socialmente nem se esforçavam para isso. Na fotografia, a cerca separa fisicamente os punks das pessoas “normais” da cidade, uma divisão que socialmente sempre ocorreu, os punks eram excluídos e tratados como diferentes por seus modos de vestir e agir. A fotografia representa o que os punks passavam todos os dias. Eles se sentiam incompreendidos e frustrados pela dificuldade em transmitir suas ideias para os cidadãos, que, na maioria vezes, os associavam à violência, como comenta Aécio:

E o movimento punk, a gente aqui, a gente não tinha violência nenhuma. Justamente antiviolença, sabe? A gente, nós, somos pessoas sensíveis. [...] A gente sofria muito com a sociedade. Então a única maneira da gente rebater era vestindo, com as vestes, e, às vezes, com os vocais, com algumas estrofes, sabe, aos sinais de violência. Mas jamais a violência. (SILVA, 2017).

Essa incompreensão se estabeleceu pelo modo de agir dos punks, que demonstravam certa agressividade e provocavam os cidadãos verbalmente, o que, segundo eles, acontecia somente quando também eram provocados e porque desejavam causar esse conflito como sinal de alerta para as pessoas. Entre eles também existiam atritos e confrontos, mas Aécio explica que não eram brigas, eram apenas explosões de adrenalina:

é cheio de adrenalina mesmo, natural, droga nossa. [...] Ou você tá no pavor, ou então você está sendo totalmente irritado, então, a adrenalina vem. E é um choque, quando você toma uma dose de adrenalina mesmo, no corpo. Você fica quente, alvoraçado mesmo. Você fica, assim, superativo, sabe? É o que a gente gostava. Todas as vezes que passavam na rua e viam a gente lutando, brigando, dando uns tapas um nos outros, a gente estava querendo levantar a adrenalina. A gente não estava brigando. A gente estava puxando a adrenalina no nosso corpo, era isso que a gente fazia (Ibid., 2017).

Essa energia punk se apresentava no dia a dia. Eles gritavam, pulavam, cantavam, dançavam, conversavam, brigavam e andavam de forma agressiva enquanto ocupavam a cidade, muitas vezes agiam de forma teatral, chamando a atenção dos transeuntes, pois queriam ser vistos. Essas ações, ao serem repetidas diariamente, se tornavam parte do cotidiano dos punks. Eles se viam sempre fazendo uma performance, uma teatralidade despojada e não intencional que já estava inserida em sua identidade, mas que, na verdade, havia sido construída com o tempo.

Como já comentamos, utilizando os conceitos de Richard Schechner, era na rua, nos rituais da tribo - como andar pelo ambiente urbano ou se confrontar fisicamente -, nas brincadeiras, nas apresentações musicais ou na dança, que os punks se apresentavam performáticos. A cada novo caminho, nova deriva, nova atuação, o punk encontrava um público diferente, um indivíduo com uma reação distinta ao se deparar com ele. Alguns tinham medo, outros se sentiam afrontados, achavam graça ou mesmo ignoravam. Provocavam os punks ou se afastavam o máximo possível. O bando era recebido de uma forma diferente a cada nova “apresentação” pela cidade, pois suas ações nunca eram iguais às aquelas realizadas anteriormente.

Figura 5: Os punks atravessam a faixa de pedestre



Fonte: Humberto Nicoline, 1984.

Além das intervenções urbanas no cotidiano, os punks também participaram de movimentos sociais e políticos. Durante as entrevistas, foram relatados três desses eventos. O primeiro é a participação no protesto contra o fechamento de um bar chamado *Atrás das bananeiras*. Segundo Aécio, o bar era outro local de encontro dos punks, onde as bandas punks de Juiz de Fora tocavam suas músicas. Esse bar localizava-se na avenida Independência, em frente à casa de um político, que argumentou com as autoridades locais que aquele era um local de promiscuidade. “Era um bar comum, só que, na entrada, o muro era de bananeiras, por isso chamava *Atrás das bananeiras*” (Ibid., 2017). Havia uma forte pressão social para fechar o bar, então punks, jornalistas, artistas e

outros integrantes do círculo cultural de Juiz de Fora fizeram um protesto e um abaixo-assinado, mas não obtiveram sucesso e o bar foi fechado.

Figura 6: Protesto contra o fechamento do bar *Atrás das bananeiras*



Fonte: Aécio Silva, [198-].

O segundo protesto relatado se deu contra o fechamento de uma creche no bairro Jóquei Clube, pois, se o local fosse fechado, os pais não poderiam trabalhar: “Esse rapazinho que morava lá, ele é que trouxe isso pra gente: ‘Vão lá fazer um movimento?’. ‘Vão lá, vão bora’. Fizemos umas placas, roubava muito *spray*, do mercado, e rasgava o lençol, fazia umas placas e espirrava” (Ibid., 2017). Mesmo com o protesto, a creche foi fechada.

Por fim, o último protesto citado por Aécio também foi lembrado em todas as entrevistas. A participação do movimento punk na mobilização nacional a favor das *Diretas Já16*. Com a faixa “Os punks com as Diretas” colada nas costas, e segurando outros cartazes (Figura 7), o punk participa do movimento da juventude a favor de eleições diretas e contra a ditadura, afinal, a filosofia punk prega a liberdade, seja ela política, social ou individual. Indo ao protesto, no centro da cidade, o punk mostra a todos em Juiz de Fora que também participa de movimentos sociais, buscando se incluir na ação contra a ditadura.

Figura 7: Os punks participam das *Diretas Já*



Fonte: Humberto Nicoline, 1984.

Os punks ocuparam o espaço urbano das mais variadas formas, com estilo e visual próprios. Eles modificaram a urbe e se transformaram, como comenta Aécio: “Aprendi na rua pra caramba. Porque a verdade tá ali fora, porque, quando a gente é moleque, a gente descobre, a gente conversa” (Ibid., 2017). A rua foi o local onde eles encontraram o espaço para se desenvolver, consolidar um grupo e agir como queriam. Foi o local que permitiu a liberdade tão almejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O punk foi um movimento musical, social, cultural e político, que, em um momento de intensificação da contracultura pelo mundo, influenciou jovens - insatisfeitos com suas relações familiares, trabalhistas, políticas e sociais - a expressarem seus descontentamentos por meio de música, roupas e fanzines. Como um ímpeto global, o punk invadiu as mais diversas cidades, alcançando jovens adeptos em localidades do interior e em grandes metrópoles.

Embora toda a revolta juvenil dos punks fosse expressa por signos visuais e modos agressivos, eles geralmente não chegavam à violência física. O movimento interveio socialmente e modificou a cidade com atitudes repletas de sentido. O punk saía às ruas

protestando, interferindo no cotidiano da cidade. Suas críticas tinham fundamentos ideológicos e argumentos políticos embasados em princípios anarquistas e na busca da igualdade social.

Quando saíam pela cidade, os punks se expressavam esteticamente com agressividade, sem pudor ou recato. O centro se tornava um palco em que os punks eram os atores principais, e os cidadãos comuns, coadjuvantes ou espectadores daquela movimentação. O ambiente urbano tornou-se o principal lugar para a exposição das ideias radicais e anárquicas dos punks que, percorrendo as ruas, eram notados e chamavam a atenção das pessoas. Muitas vezes os transeuntes nem sabiam o verdadeiro conceito do movimento punk, mas se assustavam e se incomodavam com sua presença. Alguns talvez até rissem... O punk deseja isso, incomodar e irritar o outro com sua presença, fazê-lo sair da zona de conforto e mostrar que há mais a se explorar no mundo, uma luta constante contra o conservadorismo e o autoritarismo. O movimento punk procurava o outro lado da cidade, não comercial, para compreendê-la e apresentá-la a todos, sendo capaz de senti-la de forma artística e social.

É interessante destacar como o movimento punk ocupava a cidade das mais variadas formas. Praticando derivas, estabelecendo territórios, participando de protestos e movimentos na rua. O punk - com seus gestos e seu visual, seu corpo e suas ações, resumindo, sua errância - oferece uma nova corpografia da cidade que este artigo buscou destacar. As ruas em que eles se deslocavam, os lugares em que permaneciam e como contaminavam o cenário urbano com coreografias especiais. As marcas da memória foram capturadas por imagens, que perpetuaram o efêmero. Não se pode entender a dinâmica da cidade sem a rememoração propiciada pela captura do flagrante. É aí que se revelam as camadas narrativas que designam o urbano e mostram que uma cidade são muitas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CASSOLA, Oseir. Juiz de Fora: 2017. Entrevista concedida à autora.

DEBORD, Guy-Ernest. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e da ação da tendência situacionista internacional. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003a. v. 1. p. 43-59.

_____. Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b. v. 1. p. 87-91.

GALLO, Ivone. Por uma historiografia do punk. **História, Historiadores, Historiografia**, São Paulo, v. 41, p. 283-314, dez. 2010.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. New York: Routledge, 1979.

JACQUES, Paola Berenstein. Urbanismo à deriva: pensamento crítico situacionista. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 7., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: SHCU, 2002.

_____. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003a. v. 1.

_____. Breve histórico da Internacional Situacionista - IS. **Vitruvius**, São Paulo, abr. 2003b. Disponível em: <<https://bit.ly/2K64gsK>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

_____. Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 5, p. 93-103, 2007. Número especial.

LOURES, Virginia Guilhon. Juiz de Fora: 2017. Entrevista concedida à autora.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical, 2005.

PAIVA, Marcelo Rubens; NASCIMENTO, Clemente Tadeu. **Meninos em fúria: e o som que mudou a música para sempre**. Rio de Janeiro: Alfaguaea, 2016.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SILVA, Aécio. Juiz de Fora: 2017. Entrevista concedida à autora.

TABET, Fernanda. Juiz de Fora: 2017. Entrevista concedida à autora.

NOTAS

- 1 *Point* é um território demarcado no qual um grupo punk se reúne na cidade. Pode ser uma rua, uma praça ou mesmo algum bar ou livraria.

- 2 Os fanzines são revistas, mimeografadas ou xerocadas, que falam sobre bandas envolvidas com a cena punk e sobre assuntos referentes ao movimento, circulando entre diversos grupos punks. Os fanzines são feitos de punks para punks e abrangem os mais variados assuntos, destacando-se a música e a política. “A maioria é feita com copiadoras, grampeadas, sem páginas numeradas, sem direitos autorais e nenhuma chance de rentabilidade” (O’HARA, 2005, p. 66).
- 3 Aqui, entendemos estilo como algo que extrapola a própria moda. Ivone Gallo (2010) explica que na moda o indivíduo perde sua identidade, pois adquire seu modo de vestir e de se comportar através de apropriações dos meios de comunicação, adquirindo uma *identidade programada*. Em contrapartida, quando falamos de estilo, consideramos aquele que toma suas próprias decisões e ideias de estética visual, que escolhe sua própria vestimenta compreendendo o seu significado “No caso do punk o estilo converte-se no reflexo de uma cultura de resistência” (GALLO, 2010, p. 301).
- 4 “1. na vida diária, cozinhando, socializando-se, apenas vivendo; 2. nas artes; 3. nos esportes e outros entretenimentos populares; 4. nos negócios; 5. na tecnologia; 6. no sexo; 7. nos rituais - sagrados e seculares; 8. na brincadeira” (SCHECHNER, 2003, p. 29).
- 5 A história oral se estabelece, dessa maneira, como uma pesquisa que busca através de depoimentos contados, sobretudo entrevistas sobre histórias de vida, recolher memórias individuais e coletivas que serão interpretadas pelo entrevistador.
- 6 Aécio Silva nasceu em Juiz de Fora e na adolescência e juventude participou do movimento punk de Juiz de Fora, afastando-se em 1984, quando se mudou para os Estados Unidos. Porém, manteve contato com os punks da cidade, enviando discos e fanzines.
- 7 Nascida em Juiz de Fora, interessou-se pelo movimento punk aproximadamente em 1984, sendo uma das poucas mulheres do grupo.
- 8 Oseir participava do movimento punk apenas em momentos específicos, sem se envolver diariamente com o grupo.
- 9 Virgínia e Aécio foram os primeiros punks da cidade.
- 10 Jornalista, Humberto Nicoline é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Trabalhou para os jornais juiz-foranos *Tribuna de Minas* e *Panorama*. Também foi repórter fotográfico e editor adjunto de fotografia no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte. Premiado em vários concursos, já organizou exposições e é autor do livro *JF anos 80*.
- 11 Localizada no Centro de Juiz de Fora, é uma das ruas mais antigas da cidade.
- 12 O Bar Redentor era um espaço boêmio que reunia artistas, estudantes, mendigos e os punks.
- 13 Outro *point* foi criado mais tarde na rua Santo Antônio, com os integrantes da primeira banda punk de Juiz de Fora, *Força Desarmada*, que ficaram conhecidos como “*gang do centro*”. Existia uma distância entre esses dois grupos. Os primeiros consideravam que o outro bando não era verdadeiramente punk, pois eles não assumiam o movimento, eram menos radicais. Em contrapartida, a “*gang do centro*” não se identificava com o *point* do Redentor, pois era uma área mais suja e pobre, um pouco mais *underground* (LOURES, 2017).
- 14 Essas fotografias fazem parte do acervo particular do jornalista Humberto Nicoline.
- 15 A Rua Halfeld é a rua mais popular da cidade, sendo o centro comercial e cultural de Juiz de Fora. Em um de seus trechos, a rua é fechada ao tráfego de veículos, o que é conhecido como Calçadão, com intenso trânsito de pedestres.
- 16 *Diretas Já* foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984.

Artigo recebido em 29 de julho de 2017.

Artigo aceito em 17 de julho de 2018.